



**SANTA ISABEL DE DIJON**  
*LAUDEM GLORIAM* DA SANTÍSSIMA TRINDADE

**António José de Jesus, ocds**

## O NASCIMENTO

Maria Isabel Josefina Catez nasceu na manhã do domingo de 18 de julho de 1880, no campo militar de Avor, perto de Bourges, depois duma grande angústia, dadas as complicações ocorridas durante o parto. Os dois médicos, chamados para o efeito, sentenciavam um final triste e alertaram o pai para a quase certa morte do bebé. Quando os meios humanos já não são suficientes há que redobrar a confiança em Deus e suplicar a Sua intervenção. Durante o parto, o Capelão militar, celebrou a Eucaristia, oferecendo-a, de modo especial, pela vida deste anjo que sofria para nascer e durante a proclamação do Evangelho, nasceu a filha primogénita de Maria Rolland e José Catez. A tristeza deu lugar à alegria!



Isabel aos 9 meses.



Catedral e casas típicas de Bourges

## A FAMÍLIA



Maria Rolland

Maria Rolland nasceu em Lunéville a 30 de agosto de 1846, filha única de Ana Margarida Josefina Klein e de Raimundo Rolland, que era militar. Tinha 16 anos quando se mudou com os seus pais para Saint-Hilaire. Era uma mulher impulsiva e sensível. Simpática e grande comunicadora, era muito apreciada pelos seus vastos amigos. Tinha uma fé profunda, marcada, no entanto, pelo ambiente jansenista que dominava naqueles tempos. Mas, a sua grande devoção a Santa Teresa de Ávila, mostra a sua busca de intimidade com Deus.

José Francisco Catez nasceu em Aire-sur-la-Lys (Pas-de-Calais) a 29 de Maio de 1832, o quinto de oito filhos dum casal modesto de camponeses: André Catez e Fidelina Hoël. Entrou para o exército aos 21 anos tendo feito uma brilhante carreira até chegar a capitão. Era um homem ativo e enérgico.

Maria e José casaram a 3 de setembro de 1879 em Saint-Hilaire. Apesar da diferença de idades entre os dois, eles formaram um casal cristão muito unido, onde a fé imperava, e do qual nasceram duas filhas: Isabel e Margarida (Ana Margarida Raimunda), que nasceu a 20 de Fevereiro de 1883.

Em 1881 o casal Catez e a sua primogénita mudaram-se para Auxonne (Côte-d'Or), onde se tinha instalada a companhia do Capitão Catez.



José Catez



Margarida Catez

## O BATISMO

Sabeth (assim era tratada pela família) foi batizada na capela do Campo Militar, no dia 22 de Julho de 1880, festa de Santa Maria Madalena, por quem teve sempre uma grande devoção e amizade. Os padrinhos foram os seus avós maternos.



Vestido do Batismo de Isabel

Renascida pela água do batismo, Isabel recebeu, pela ação do Espírito Santo a vocação especial de viver mergulhada no amor vivo de Deus, no seio da Santíssima Trindade.

**«Amanhã é a festa de Santa Madalena, aquela de quem a Verdade disse: “Ela muito amou”, é também festa para a minha alma porque celebro o aniversário do meu batismo. E, já que sois o sacerdote do Amor, venho, com a permissão da nossa Reverenda Madre, pedir-vos se quereis consagrar-me a Ele amanhã na Santa Missa. Batizai-me no Sangue do Cordeiro a fim de que, virgem de tudo o que não é Ele, eu não viva senão para amar numa paixão sempre crescente, até à jubilosa unidade a que Deus nos predestinou no seu querer eterno e imutável.»** (C 234 de 21 de julho de 1905 ao Abade Chevignard, cunhado da sua irmã)



# INFÂNCIA

Em novembro de 1882 a família Catez instalou-se definitivamente em Dijon, na vila Billiet, rua Lamartine, perto da Gare.

Isabel e Guida eram amigas inseparáveis. Ao contrário da irmã, Isabel tinha um temperamento apaixonado, colérico, por vezes violento o que lhe valeu qualificativos como “um diabrete”, “olhos furiosos”, “olhar fulminante”...



*«Quando tinha um ano, já se notava a sua natureza ardente e colérica.*

*Estava muito adiantada na fala e tinha apenas dezanove meses quando uma doença grave da minha mãe me levou à pressa para o Midi.*

*Foi pregada uma missão durante a nossa estadia devendo terminar com a bênção das crianças.*

*Uma religiosa veio-me pedir se a pequena não teria uma boneca para representar o Menino Jesus no presépio, devendo vestir-se com um fato cheio de estrelas douradas e irreconhecível aos olhos da pequena.*

*Levei-a à cerimónia. A criança esteve distraída com as pessoas que chegavam, mas quando o prior do alto do púlpito anunciou a bênção, Isabel deitou um olhar ao presépio e reconheceu a boneca e, num ímpeto de cólera exclamou: “Jeannete! Dêem-se a minha boneca!”*

*A criada teve de a levar no meio de uma risada geral Esta natureza ardente e colérica cada vez mais se acentuou...»* (Testemunho da Madame Catez)

## OS SOFRIMENTOS NA INFÂNCIA

Isabel teve uma infância feliz, num lar onde reinava a paz, a compreensão e o diálogo. À medida que ia crescendo, a sua natureza ardente e colérica foi desaparecendo, dando lugar a uma menina amável, simpática, sensível e doce. Se observarmos, com atenção, as suas fotografias, desde a infância até à juventude, nota-se isso claramente.

Contudo, a vida tem dificuldades e sofrimentos. Aos sete anos Isabel viu o pai morrer, repentinamente, vítima dum ataque cardíaco, nos seus braços, no dia 2 de outubro de 1887. Esta dor profunda, tinha sido precedida pela morte do avô Rolland, oito meses antes, a 24 de janeiro, que vivia com eles desde.

Com uma pensão reduzida a Madame Catez e as suas filhas mudaram-se para o segundo piso duma casa na rua Prieur-de-la-Côte-d'Or. Da janela do seu quarto, Isabel avistava o edifício do Carmelo.



**«Querida mãezinha,**

**É com prazer que vejo chegar o Novo Ano para vir junto de ti renovar os meus votos de um bom ano. Desejo-te tudo o que mais quiseses, e agora que estou mais crescida vou tornar-me uma menininha doce, paciente, obediente, aplicada e que nunca tenha fúrias. Primeiro porque, como sou a mais velha, tenho de dar o exemplo à minha irmãzinha; já não a vou contrariar mais, enfim, serei um modelo, podendo assim considerares-te a mais feliz das mães, e como espero que dentro em breve terei a felicidade de fazer a minha primeira Comunhão, também serei mais ajuizada, porque hei-de pedir a Deus que me torne ainda melhor.**

**Deixo-te, minha querida mãezinha, beijando-te de todo o meu coração.»** (Carta 5, de 31/12/1889)

# PRIMEIRA COMUNHÃO

Isabel fez a sua Primeira Comunhão no dia 19 de abril de 1891, na Igreja de Saint-Michel. Ao sair da Igreja confidenciou à sua amiga Maria Luísa Hallo: **«Já não tenho fome, Jesus alimentou-me»**.



**«Mãezinha querida, se O amo um pouco, foste tu que orientaste o coração da tua menina para Ele; tu que tão bem me preparaste para o nosso primeiro encontro, para esse grande dia em que nos demos totalmente um ao outro!...»** (C 178, 6/09/1903)

Após a sua Primeira Comunhão, Sabeth viu a sua vida verdadeiramente transformada. Não se tratou de uma emoção passageira, mas uma transformação espiritual, uma autêntica conversão. Começou para ela uma vida nova, de união íntima com o Deus-Amor. Cada comunhão era para ela um encontro amoroso com o Bem-amado. A oração e a vida de piedade passaram a constituir os seus desejos mais profundos. Foi crismada a 8 de junho, do mesmo ano, na Igreja de Notre-Dame de Dijon.

**«Estou tão contente por comungares mais vezes. É aí, minha mãezinha, que vais encontrar forças. É tão bom pensar que, depois da Comunhão, possuímos todo o Céu na nossa alma excepto a visão!»** (C 87, agosto de 1901)

## ESTUDOS, MÚSICA E PASSEIOS

O “trio”, composto pela mãe, Isabel e Guida, era muito unido, mas não fechado em si mesmo. Tinham muitos amigos e no verão viajavam imenso, visitando os familiares e amigos.

Isabel nunca foi à escola. Teve aulas particulares com a Mlle Grémaux e a Mlle Forey, desde os sete anos e, desde os oito, a sua mãe matriculou-a no Conservatório de Música de Dijon.

Aos 13 anos ganhou o seu primeiro prémio de piano no Conservatório. Tornou-se numa exímia pianista.



«Também eu me sinto encantada com as minhas férias. Ficámos durante quinze dias em Gemeaux, em casa da Sr.<sup>a</sup> de Sourdon, que não queria de modo algum deixar-nos partir, e lá divertimo-nos muito. Fizemos intermináveis partidas de críquete, grandes passeios, e ainda me dedicava muitas vezes à música; fomos muitas vezes ao castelo.» (C 6, agosto de 1894)

## RETRATO FÍSICO E MORAL

«Fazer o retrato próprio físico e moral é assunto delicado de tratar, mas, tomando a minha coragem nas mãos, ponho-me ao trabalho e começo!...

Sem orgulho, creio que no seu conjunto o todo da minha pessoa não é desagradável.

Sou morena e, diz-se, bastante alta para a minha idade. Tenho olhos negros brilhantes, as minhas sobrancelhas espessas dão-me um ar severo. O resto da minha pessoa é insignificante. Os meus finos pés poderiam fazer-me cognominar Isabel de pés compridos como a rainha Berta (Berthe)!... Eis o meu retrato físico!

Já que estamos agora no moral, direi que tenho um carácter bastante bom. Sou alegre e, devo confessá-lo, um pouco estouvada. Tenho bom coração. De natureza coquette. “É necessário ser-se um pouco”, diz-se. Não sou preguiçosa: “sei que o trabalho dá felicidade”. Sem ser um modelo de paciência, sei geralmente conter-me. Não guardo rancor. Eis o meu retrato moral. Tenho os meus defeitos e, ai de mim, poucas qualidades!... Espero vir a adquiri-las!

**Enfim, eis acabada esta tão maçadora redação, pelo que fico muito contente!»** (Isabel Catez, redação escrita aos 14 anos a pedido da sua professora Mlle Forey)



Verdadeira, sem complexos, bem-humorada, Isabel foi, no entanto, bem comedida e humilde ao fazer o seu retrato. Não fez referência ao seu grande talento musical, nem falou da rica e profunda vida interior e da relação de intimidade com o amor da sua vida: JESUS.

## JOVEM, ELEGANTE E MÍSTICA

Isabel vestia-se com elegância e os seus penteados eram irrepreensíveis. Era notada no círculo das famílias de militares e ao longo das soirées dançantes, onde se davam muitos encontros. Monsenhor Brunhes, futuro bispo de Montpellier, gabar-se-á de haver dançado na sua juventude com ela! E os rapazes diziam entre si: «*Esta não é para nós, vede o seu olhar...*»

Isabelinha irradia no seu Amor. No decurso de um serão de dança, uma senhora de repente diz-lhe: «*Isabel, tu vês Deus...*» Todo o seu ser se orienta para Ele. Quando Carlos Hallo, o irmão de Maria Luísa, a saúda gabando-lhe os talentos, ela responde com um ar contrariado: «*Carlos, tu enfadas-me!*»



# VOCAÇÃO RELIGIOSA

O Cónego Angles contou, como Isabel, aos sete anos lhe confidenciou o desejo de ser religiosa. Não se tratou de uma ilusão infantil, mas o despertar para uma vocação que a levará a um estilo de vida radical, na clausura do Carmelo teresiano.

*«Era noite. As pequenas, cansadas de brincar tinham começado uma conversa infantil. Isabel, por uma manobra hábil, tinha conseguido trepar para os meus joelhos. E em seguida segredou-me ao ouvido dizendo: “Senhor Angles, vou ser religiosa!...”»*

*Tinha, segundo me parece, 7anos... Lembrar-me-ei sempre da exclamação um tanto irritada da mãe: “Que está ela a dizer, essa tontinha?”*

*A Sra. Catez bem sabe em que claustro me veio procurar no dia seguinte. Ansiosa perguntou-me se, na verdade, acreditava tratar-se de uma vocação, ao que respondi com palavras que como uma espada lhe atravessaram o coração: “Eu creio que sim!”»* (Testemunho do Cónego Isidoro Angles)



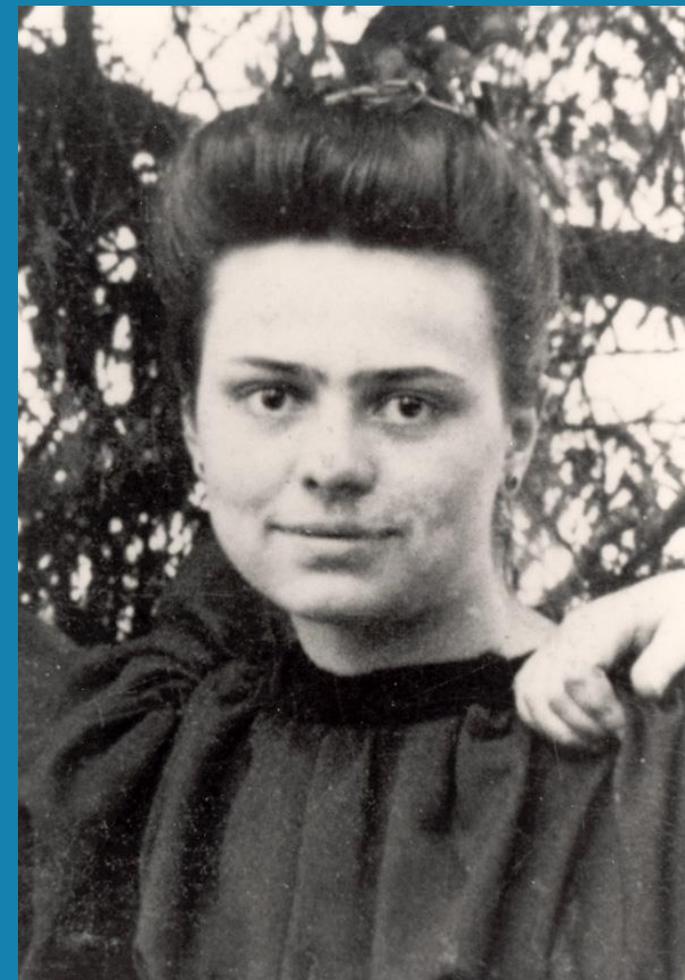
## VOCAÇÃO AO CARMELO

Aos catorze anos, um dia, depois de ter recebido a Eucaristia, Sabeth sentiu-se irresistivelmente levada a consagrar-lhe a sua vida e pronunciou um voto de virgindade perpétua. Um pouco mais tarde, o projeto de vida religiosa que alimentava desde há sete anos, concretizou-se numa palavra que lhe foi dita interiormente: «*Carmelo*».

«Após a instrução das 6 horas sobre a Sagrada Eucaristia, fui-me confessar. Encontrei um confessor como nunca havia achado e dou graças ao bom Deus.

○ Padre reconheceu em mim todas as marcas de uma verdadeira vocação. Acredita, também ele, que Jesus me está a chamar para o Carmelo – e esta vocação é a mais bela.» (D 57)

«...dei-vos o meu coração, um coração que não pensa, nem vive senão para vós, um coração que vos ama até morrer. E, para ser toda vossa, vou-me enterrar viva no fundo de uma clausura, e hei-de suportar com felicidade mil sofrimentos.» (D 32)



## VOCAÇÃO AO CARMELO

Uma vocação genuína, não isenta de sofrimentos e dificuldades. Dificuldades com a oposição inicial da mãe e, depois, o adiamento da sua entrada no Carmelo apenas aos 21 anos. Mais tarde, o sofrimento pela dor da separação e pelo desgosto causado à sua mãe, ao entrar na clausura do Carmelo.



«Esta manhã a mãezinha regressou bastante tarde e toda alvoroçada... Falaram-lhe de um casamento para mim, um soberbo partido que nunca poderia vir a encontrar. Tinha ido, então, avistar-se com o Senhor Cura, perguntando-lhe o que deveria fazer, já que ele me conhece melhor que ninguém, e ele respondeu à mãezinha que era preciso falar-me desse casamento, mostrar-me as vantagens, o que é uma prova para mim, mas que devo refletir, que não se pode pronunciar sobre a minha vocação; porém, não organizar entrevista sem me prevenir. Estava longe de esperar uma tal coisa. Mas, quanto fico indiferente, a esta sedutora proposta! Ah, o meu coração não está livre, dei-o ao Rei dos reis, já não posso mais dispor dele.» (D 124)



## DESPEDIDAS...

Ao aproximar-se dos 21 anos, Isabel despede-se dos familiares e amigos para iniciar a subida da *Montanha do Carmelo*. Tirou umas fotos, como recordação, e ao enviá-las ao Cónego Angles escreveu:



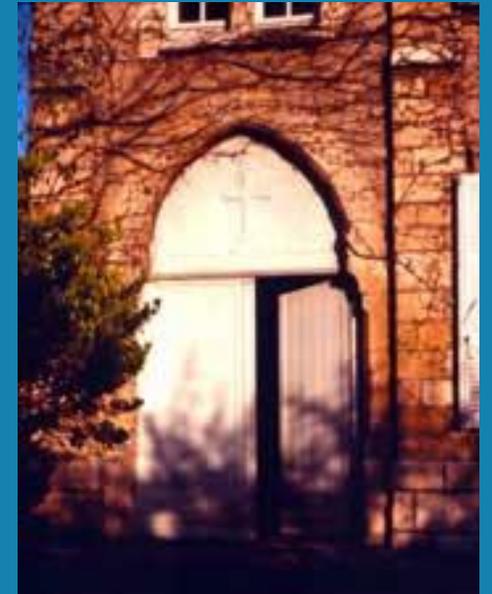
«Envio-vos a minha fotografia, enquanto a tiravam pensava n'Ele, portanto, é a Ele que aqui vos envio.» (C 62)



## ENTRADA NO CARMELO

Vencidos os obstáculos, Isabel entrou no Carmelo de Dijon no dia 2 de agosto de 1901. Finalmente pôde realizar a sua vocação e consumir a sua entrega ao Senhor, para viver apenas d'Ele, por Ele e para Ele, numa *«oração contínua, num longo ato de amor»*.

A comunidade ficou edificada com a intensidade do recolhimento da jovem postulante.



Isabel a poucos dias da sua entrada no Carmelo, com a Comunidade, já com o hábito das postulantes. Sentada a Madre Germana tem nas mãos a “História de uma alma”, publicada pela primeira vez 3 anos antes. Em cima a porta de acesso à clausura.

## NO CARMELO

É muito interessante o questionário que Isabel respondeu ao entrar no Carmelo. Nele podemos ver a estatura da sua alma, a sua maturidade espiritual e como nela a vida de contemplativa carmelita, já existia...



P. Qual é em seu entender o ideal de santidade?

R. V Viver de amor.

P. Qual o meio mais rápido para aí chegar?

R. Tornar-se muito pequena, entregar-se sem retribuição.

P. Qual o santo de que mais gosta?

R. O discípulo bem-amado que repousou no Coração do Mestre.

P. Qual a santa preferida e porquê?

R. A nossa Santa Madre Teresa, porque morreu de amor.

P. Que ponto da Regra prefere?

R. O silêncio.

P. Qual o traço dominante do seu carácter?

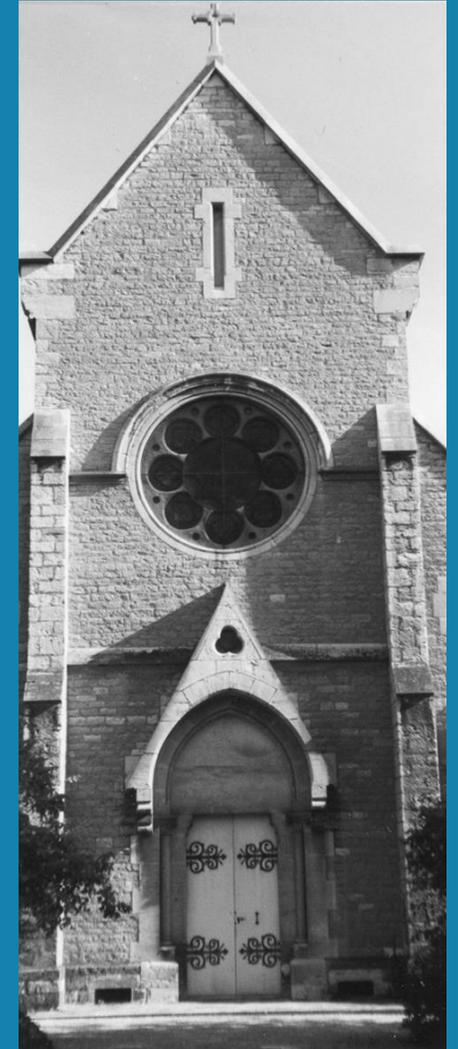
R. A sensibilidade.

P. Sua virtude de predileção?

R. A pureza, «Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus.»

P. O defeito que lhe inspira mais aversão?

R. O egoísmo em geral.



Capela do Carmelo de Dijon

## NO CARMELO

P. Dê uma definição de oração?

R. A união daquela que não é com Aquele que é.

P. Que livro prefere?

R. A alma de Cristo, que me confia todos os segredos do Pai que está nos Céus.

P. Tem grandes desejos do Céu?

R. Por vezes tenho nostalgia dele, porém, salvo a visão, possuo-o no mais íntimo da minha alma.

P. Que disposições desejaria ter na morte?

R. Queria morrer amando, e assim cair nos braços d'Aquele que amo.

P. Agradar-lhe-ia mais certo género de martírio?

R. De todos gosto, sobretudo do de amor.

P. Que nome desejaria ter no Céu?

R. V Vontade de Deus.

P. Qual a sua divisa?

R. Deus em mim, eu n'Ele.



## TOMADA DE HÁBITO

Depois de quatro meses de postulante, Isabel, foi, finalmente, admitida pela comunidade para a cerimônia da sua tomada de hábito, marcada para o dia 8 de dezembro de 1901. Isabel preparou-se para este dia com um retiro.



«Será pois a 8, nessa bela festa da sua Imaculada Conceição, que Maria me vai revestir com a minha querida capa do Carmelo<sup>1</sup>. Vou-me preparar para o lindo dia de noivado com um retiro de três dias. Oh! estais a ver, quando penso nisso já nem me sinto cá na terra! Rezai muito pela vossa pequena carmelita para que se entregue inteiramente, se dê toda e agrade ao Coração do seu Mestre.» (Carta 99)

«Oh, deixai neste dia d'encantar;  
Oh, deixai-me o Amor celebrar,  
Amor que me torna prisioneira  
Para me consumir toda inteira.

Eis que enfim noiva me verei  
De humilde veste revestida,  
Do branco manto envolvida,  
Em tudo ao Cordeiro seguirei.»

(Poesia 74)



Conforme o uso da época, Isabel entrou na capela do convento, vestida de noiva, pelo braço do Monsieur d'Avout, que substituiu o seu falecido pai.

A cerimônia presidida pelo bispo de Dijon culminava com a vestição do hábito carmelita. A, agora, Irmã Maria Isabel da Trindade estava desposada com Jesus, o Mestre adorado! Foi tempo de reencontro com a família e amigos fora da clausura e tempo para alguns retratos.

## NOVICIADO

O noviciado, ao contrário do postulante, foi um período de grande sofrimento para Isabel, que jamais deixou transparecer na comunidade e na correspondência com a família e amigos. Apenas a Madre Germana estava ao corrente da situação. Foi um tempo de noite escura, de aridez, de oração muito difícil e de escrúpulos devido em parte ao seu desejo de tudo fazer com perfeição. A sua sensibilidade, marca dominante do seu carácter estava ao rubro.



Isabel sofria em silêncio oferecendo tudo, esquecendo-se de si mesma e vivendo na confiança e no abandono da fé pura. O amor a Deus ajuda a superar tudo e a avançar em passos de vitória.

A sua felicidade era a certeza de estar a cumprir a vontade de Deus e saber que o Carmelo era a sua vocação.

**«Oh! como se está bem no Carmelo, é o melhor país do mundo e posso afirmar que estou feliz como peixe na água.»** (Carta 108)



## A VIDA NO CARMELO



Claustro, cela de Isabel e vista do Carmelo de Dijon.

«A vida de uma Carmelita é uma comunhão com Deus de manhã à noite, e de noite até manhã. Se Ele não enchesse as nossas celas e os nossos claustros, ah! como isto seria vazio, mas, em tudo [nós] vemo-lo, porque o trazemos em nós, e a nossa vida é um Céu antecipado» (Carta 123)

«No Carmelo o coração se dilata e aprende a amar ainda melhor! Estou a escrever-vos durante o longo silêncio da noite e nem sei o que garatujo, porque quase que não vejo com a nossa pequena lamparina. Se soubessem como se está bem nesta celazinha... Ah, estão a ver, o Carmelo ainda não é o Céu, mas também já não é a terra. Como Deus foi bom em me ter tomado aqui... Acompanho-vos em pensamento e o meu coração está junto de vós. Não me sentis no meio de vós nessa amada Carlipa com a sua linda Serre? Mas os horizontes no Carmelo são ainda mais belos, é o Infinito. » (Carta 90)

«Oh! como é bom amá-lo, é o nosso ofício no Carmelo...» (Carta 93)



# PROFISSÃO RELIGIOSA

Isabel fez a sua Profissão Solene a 11 de janeiro de 1903 e recebeu o véu preto, das professoras, no dia 21 desse mês. O seu *fiat* definitivo foi dado sem hesitar. O amor transbordava no coração de Isabel.



Vista do Carmelo de Dijon, foto de Isabel, jovem professora, e o seu crucifixo da Profissão.



«A Igreja fez-me ouvir o “*Veni sponsa Christi*”, consagrou-me, e agora tudo está “consumado”, ou antes, tudo começa, porque a Profissão é apenas uma aurora, e cada dia a minha «vida de esposa» me aparece mais bela, mais luminosa, mais envolta de paz e de amor. Na noite que precedeu o grande dia, enquanto estava no coro à espera do Esposo, compreendi que o meu Céu começava na terra, o Céu na fé, com o sofrimento e a imolação por Aquele que amo!...

Parece-me que no Carmelo é tão simples viver de amor; de manhã à noite a Regra aí está para nos indicar, instante a instante, a vontade do santo Deus. Se soubésseis como a amo, a esta Regra que é a forma na qual Ele me quer santa...» (Carta 169)

## ISABEL: UMA ALMA PURAMENTE CONTEMPLATIVA

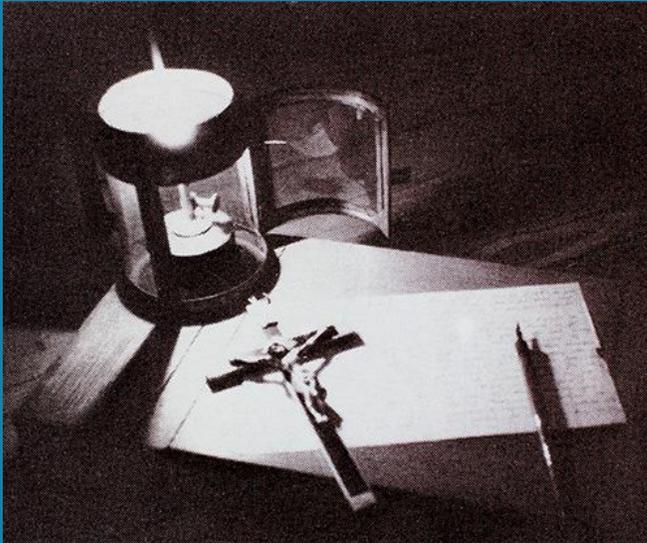
«Ah, se soubesses como o Carmelo é um recanto do Céu! No silêncio e na soledade vive-se só a sós com Deus, aqui tudo nos fala d'Ele, em todo o lado O sentimos tão vivo e tão presente. A oração é a nossa principal, e deveria dizer mesmo, a nossa única ocupação, porque para uma carmelita nunca deve cessar.» (Carta 142)

«Sinto-o tão vivo na minha alma, não tenho senão que me recolher para o encontrar dentro de mim, e é isso que constitui toda a minha felicidade. Foi Ele quem pôs no meu coração uma sede de infinito e uma tão grande necessidade de amar que só Ele pode saciar: então dirijo-me a Ele, como uma criancinha à sua mãe, para que Ele preencha, para que tudo invada e que me tome levando-me nos seus braços; parece-me que é preciso ser tão simples com Deus!» (Carta 169)



# ELEVAÇÃO À SANTÍSSIMA TRINDADE

No dia 21 de novembro de 1904, Isabel escreveu a oração «Ó meu Deus, Trindade que eu adoro!», o seu ato de oferecimento à Santíssima Trindade, que sintetiza a sua espiritualidade e a sua vocação específica de batizada e carmelita.



J. M. + J. G.  
O mon Dieu Trinite que j'adore  
aidez moi a m'oublier entierement  
pour m'etabler en Vous immobille  
et paisible comme si deja mon  
ame etait dans l'eternite; que  
rien ne puisse troubler ma paix, ni  
me faire sortir de vous ó mon Incompre-  
hensible, mais que chaque minute m'em-  
porte plus loin dans la profondeur  
de votre Mystere. Pacifiez mon ame  
faites en votre ciel, votre demeure intime  
et le lieu de votre repos; que je  
ne v'y laisse jamais seul, mais que  
je sois la toute entiere, toute oubliee  
en ma foi, tout adorante, toute  
livree a votre action creatrice.  
O mon Christ aime, crucifie par  
amour, je voudrais etre une epouse  
pour votre amour, je voudrais m'offrir  
de gloire

je voudrais l'aimer... jusqu'a en mourir!  
Mais je sens mon impuissance et je m'demande  
de me reveler de Vous memo d'identifier  
mon ame a tous les mouvements de votre  
ame, de me submerger, de m'envahir d'  
et substituer a moi, afin que ma vie ne soit  
que un rayonnement de votre Verbe. Donnez  
en moi comme l'adorateur, comme l'epouse  
-te et comme l'aimante. O Verbe eternel  
Parole de mon Dieu, je veux passer ma vie  
a v'écouter, je veux me faire tout entier  
qualite afin d'apprendre tout de Vous, puis  
d'entrer touché tous les instants, toutes  
les impuissances, je veux vous faire toujours et  
demeurer sous votre grande lumiere, ó mon  
c'este ami fasciné moi pour que je ne puis  
plus sortir de votre rayonnement.  
O Dieu consommant, esprit d'amour surven-  
ez en moi, afin que il se fasse en  
mon ame comme une incarnation de  
Verbe, que je sois une humanité d'  
sacrerait en laquelle il renouvellerait que  
son Mystere; et vous ó Peru, penchez-  
vous vers votre pauvre petite creature  
"couvrez la de votre ombre" ne voyez  
en elle que le "Bon Dieu" en lequel  
vous avez mis toutes vos complaisances.  
O mes bras, mon sein, ma beaulte,  
solitude inferie, immensite ou je me  
perds, je me livre a Vous comme  
une priere, ennobliez-moi en moi,  
pour que je m'oublie en Vous en  
attendant d'aller contempler et  
votre lumiere l'aimée de vos grandeurs

21 Novembre 1904

«Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente, para me estabelecer em Vós, imóvel e pacífica, como se já a minha alma estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me leve mais longe na profundez do vosso Mistério. Pacificai a minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada amada e o lugar de vosso repouso.» (NI 15)

# LOUVOR DE GLÓRIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Fruto da sua leitura e profunda meditação dos escritos paulinos, Isabel da Trindade, encontrou aí o seu nome novo e a expressão definitiva da sua vocação, por toda a eternidade, iniciada desde logo nesta vida: ser um “Louvor de Glória” da Santíssima Trindade (cf. Ef 1,12).



«Um louvor de glória é uma alma que mora em Deus, que o ama de um puro e desinteressado amor, sem se buscar na doçura desse amor; que o ama acima de todos os seus dons, ainda que nada d'Ele tivesse recebido, e que deseja bem ao Objeto assim amado. Ora, como desejar e querer efetivamente bem a Deus a não ser cumprindo a sua vontade, pois que esta vontade tudo ordena à máxima glória? Portanto, esta alma deve entregar-se-lhe plenamente, perdidamente, até já não querer mais nada senão o que Deus quer. Um louvor de glória é uma alma de silêncio que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo, a fim de que Ele dela possa extrair harmonias divinas; e sabe que o sofrimento é como uma corda que produz sons ainda mais belos, também o amando ver no seu instrumento, para mais deliciosamente mover o Coração do seu Deus. » (CT 43)

## LOUVOR DE GLÓRIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

«Um louvor de glória é uma alma que fixa Deus na fé e na simplicidade; é um espelho de tudo o que Ele é; é como um abismo sem fundo, no qual Ele pode verter-se e expandir-se; é ainda como um cristal através do qual Ele se pode refletir e contemplar em todas as suas perfeições e seu próprio esplendor. Uma alma que, deste modo, permita ao Ser divino que nela sacie a necessidade de comunicar “tudo o que Ele é, tudo o que Ele tem”, é, de facto, o louvor de glória de todos os seus dons. Enfim, um louvor de glória é um estar em contínua ação de graças. Cada um dos seus atos, dos seus movimentos, cada um dos [seus] pensamentos, das suas aspirações, ao mesmo tempo que a enraízam mais profundamente no amor, são como um eco do Sanctus eterno.» (CT 43)



## DOENÇA

No final do mês de março de 1906 a doença, que levou a jovem Isabel à morte, avançou impiedosamente, pelo que foi transferida para a enfermaria do mosteiro.

O sofrimento pelo qual passou nos últimos 8 meses foi terrível, mas foi precisamente neste período que ela deu testemunho da sua fé profunda, inabalável e toda abandonada ao amor.



Isabel na enfermaria (em cima) e a última fotografia que tirou em vida. Nota-se os efeitos devastadores da doença.



«"Completo na minha carne o que falta à paixão de Jesus Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja": eis o que fazia a felicidade do Apóstolo! Este pensamento persegue-me e confesso-te que sinto uma íntima e profunda alegria em pensar que Deus me escolheu para me associar à paixão do seu Cristo, e este caminho do Calvário, que subo a cada dia, antes me parece mais a via da beatitude! Nunca viste essas imagens que representam a morte a ceifar com uma foice? Pois bem, é o meu estado, parece-me que é assim mesmo que a sinto destruir-me... Por vezes é custoso para a natureza, mas garanto-te que, se não passasse disso, apenas poderia sentir a minha cobardia no sofrimento... Porém, isto ainda é uma visão humana! E bem depressa "abro o olhar da minha alma à luz da fé"; fé esta que me diz que é o amor que me destrói, me consome lentamente, e então na minha imensa alegria entrego-me a ele como uma presa. (GV 7)

## MORTE E GLÓRIA



Isabel, consumida, arruinada pela doença, absorvida no amor, morreu na madrugada do dia 9 de novembro de 1906. As suas últimas palavras foram: «*Vou para a Luz, para o Amor, para a Vida*».

«Ao partir lego-vos esta vocação que foi a minha no seio da Igreja militante e que, a partir de agora hei-de cumprir sem cessar na Igreja triunfante: “Louvor de glória da Santíssima Trindade”.» (DA 5)

Isabel foi beatificada pelo Papa João Paulo II, no dia 25 de novembro de 1984, na Praça de São Pedro, em Roma.

Alimentada na Palavra de Deus, foi diretamente às fontes do Evangelho, indicando assim o caminho seguro a seguir dos discípulos de Jesus Cristo.

Modelo do verdadeiro espírito do Carmelo, Isabel da Trindade é a santa da interioridade, profeta da presença de Deus na alma, para o mundo atual.



# CANONIZAÇÃO

## Canonização de **ISABEL DA TRINDADE**

*«Parece-me que  
encontrei o meu  
Céu na terra,  
porque o Céu é  
Deus e Deus está  
na minha alma».*

Roma  
16/10/2016



Ordem dos Carmelitas Descalços

## Canonização de **ISABEL DA TRINDADE**

*«Parece-me que  
encontrei o meu  
Céu na terra,  
porque o Céu é  
Deus e Deus está  
na minha alma».*

Roma  
16/10/2016



Ordem dos Carmelitas Descalços